

Sobre a Laicidade e o Ensino Religioso no Brasil: um diálogo com Sérgio Junqueira

About secularism and religious education in Brazil: a dialogue with Sérgio Junqueira

Marcos Vinícius Freitas Reis¹

Diego Omar da Silveira²

Sérgio Junqueira tem se tornando, nos últimos anos, uma das principais referências no debate sobre o Ensino Religioso no Brasil. Um posto alcançado não apenas em função de sua formação acadêmica – é doutor (2000) e mestre (1996) em Ciências da Educação pela *Univeristá Pontifícia Salesiana* (Roma), com pós-doutorado (2010) e livre docência (2012) em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – mas por um esforço sistemático de reunir pesquisadores em torno de um tema que merece maior atenção em função de seu grande impacto social.

Professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, lidera o Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER). Foi editor de diversas revistas na área de Teologia e Ciências da Religião e é consultor do Conselho Nacional de Educação e da UNESCO para Educação e Religião, consultor da Secretaria de Estado de Educação do Paraná e da Secretaria de Educação Municipal de Curitiba e

¹ Doutor em Sociologia e mestre em Ciências Políticas pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). É professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), membro do Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP), pesquisador do Observatório em Direitos Humanos da Amazônia (OBADH) e líder do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES). Foi presidente da Associação Nacional de História Sessão Amapá (ANPUH-AP) e atualmente está à frente da Regional Norte da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR).

² Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde também atuou como coordenador de projetos do Núcleo de Estudos da Religião (NER) entre 2008 e 2012 e professor do Departamento de Educação. É professor do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Esteve à frente da Regional Norte da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) de 2016 a 2017 e participa da Rede de Pesquisa História e Catolicismo no mundo contemporâneo.

vice-presidente das Associação de Educação Católica (AEC). Tem mais de uma centena de artigos publicados em revistas acadêmico-científicas, diversos livros autorais e várias coletâneas organizadas em parceria com outros pesquisadores de todo o país.

Dois de seus últimos livros merecem um destaque especial, pois encaram a difícil tarefa de propor uma ampla leitura sobre a trajetória e o estado atual do Ensino Religioso entre nós. No *Compêndio de Ensino Religioso* (Vozes, Sinodal, EST, 2017) é possível acessar, pela primeira vez, reunidos em um só volume – de 400 páginas, vale lembrar – “uma súpula dos conhecimentos relativos a essa área do saber” que entrega “ao público especializado um instrumento de informação e sistematização de temáticas relacionadas ao Ensino Religioso no contexto brasileiro nos aspectos de história e legislação; fundamentos; formação e didática” (p. 24). Trata-se de uma publicação de grande relevância e cujo impacto na formação e atuação dos educadores tende a ser muito positiva nos próximos anos. Outra coletânea, intitulada *Socialização do saber e produção científica do ensino religioso* (Ed. Fi, 2017) traz um contraponto à primeira, oferecendo aos leitores um conjunto de reflexões acadêmicas sobre a produção acerca do Ensino Religioso nas Universidades e seu, necessário diálogo, com a Educação Básica.

Por todas as suas contribuições, devemos aqui mencionar que foi, para nós, uma grande satisfação poder entrevistá-lo para este dossiê da **Revista Observatório da Religião** da Universidade do Estado do Pará, já que são muitas as questões que essa aproximação entre religião e educação propõe ao debate sobre laicidade nos dias atuais, assim como ao longo de todo o período republicano no Brasil. Essa é para nós uma questão de fundo, que orienta alguns de nossos estudos e que estamos buscando recolocar em foco.

A temporalidade em que essa entrevista se deu pode ser compreendida como um momento quente para pensar tudo aquilo que toca o Ensino Religioso, tendo em vista pelo menos duas questões: a recente votação no Supremo Tribunal Federal da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4439 na qual a Procuradoria Geral da República (PGR) questionava o modelo de ensino religioso

nas escolas da rede pública de ensino do país e a promulgação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). E é mais ou menos por aí que buscamos começar, mas antes pedimos a Sérgio Junqueira que nos contasse um pouco de sua trajetória pessoal e intelectual...

1. Como o ER aparece em suas reflexões, como essa temática se apresenta na sua vida como um tema de pesquisa?

Sérgio Junqueira: Bem, em 1984... quando eu era professor de educação infantil e anos iniciais em uma escola particular na cidade de Montes Claros, Minas Gerais... Como professor dos anos iniciais da educação infantil – um professor generalista, eu me preparava para o curso de Pedagogia – de todas as disciplinas a que me causava maior dúvida era o Ensino Religioso. Depois como pedagogo em formação me preocupei em tentar entender o que era essa disciplina, como funcionava especialmente com as crianças, já que o material existente na época era muito pouco e bem confuso. Então a partir de 1984, primeiro motivado por minha prática como professor de educação infantil e anos iniciais, depois cursando Pedagogia, bem no campo da educação, eu procurei organizar de forma mais sistemática os estudos sobre esse tema. Com o auxílio da universidade, com maior atenção às questões metodológicas, fui construindo um percurso de pesquisa, sobretudo na época em que fui fazer o mestrado. Não consegui encontrar no Brasil interesse pelo tema e acabei conseguindo uma bolsa e estudando na Europa, onde já existem trabalhos metódicos no campo da educação sobre o Ensino Religioso desde os anos 1940. Quando retornei ao Brasil, no início dos anos 2000, articulei um campo de pesquisa, relacionando o que existia aqui com a experiência europeia.

2. É possível dizer que o posicionamento do STF favorável ao Ensino Religioso confessional como uma modalidade legítima impõe mais um obstáculo ao nosso difícil processo de laicização?

Sérgio Junqueira: Efetivamente sim. A justiça e a sociedade têm uma grande dificuldade em entender essa cisão entre religião e Estado. Isso ficou claro nos

pareceres dos juízes [do Supremo Tribunal Federal]. Entre o privado e o público não há nada em que invalide a questão individual religiosa. Porém, é preciso entender que nos espaços públicos precisamos respeitar a diversidade. Nesse sentido, a laicidade não é um combate à religião, à cultura [religiosa]. É, antes, o contrário. É a possibilidade de todos terem liberdade [de culto e de manifestação da sua religião]. Então, claro, se o STF tivesse vedado a confessionalidade nas escolas, agilizaria... facilitaria não só o Ensino Religioso, mas uma política de implementação da laicidade no país. Na falta dela vemos o que está acontecendo no Rio de Janeiro, onde o prefeito [Marcelo] Crivela, bispo de uma igreja evangélica, está criando situações para dificultar práticas culturais, festivas, como o carnaval, que na compreensão de seu grupo religioso é algo pecaminoso, diabólico, etc. Então a laicidade pode facilitar para todos e a postura do STF, na verdade, vem confirmar o modelo equivocado que nós temos, dificultando que se avance em uma questão tão importante.

3. Sabemos que esse é um tema que divide opiniões, mas gostaríamos de saber se você acredita que é possível que a disciplina ER exista no currículo sem qualquer incompatibilidade com o princípio da Laicidade?

Sérgio Junqueira: Eu entendo Ensino Religioso precisa ser visto a partir da escola e pra ficar na escola. Ou seja, essa discussão sobre a laicidade, na verdade, é, para mim, um grande equívoco, porque Matemática, Português, História, Geografia, são disciplinas, são ciências. Então se a religião enquanto fenômeno social entra na escola, é por que existe alguma contribuição à formação do cidadão que se pode creditar a ela. Houve um tempo em que nos currículos eu não tinha Química, eu não tinha Física, nem mesmo Geografia. Na medida que elas ganharam espaço como ciências, se consolidaram como disciplinas escolares. Foi-se percebendo, portanto, que esses conhecimentos ajudam a formação de um indivíduo, ajudam a entender a composição, a estrutura do planeta, das pessoas, da história. Foi assim que eles passaram a ser ensinados na escola. Então a questão religiosa só faz sentido se verificarmos que ela contribui para uma reflexão crítica, para a formação

de profissionais, de indivíduos e cidadãos. Dessa forma, entendo que ensino religioso que não seja ensinado na perspectiva da[s] ciência[s] não faz sentido, não deve estar na escola. Por que quem faz isso na perspectiva da religião é a família e suas respectivas comunidades. Então, a laicidade sim, deve valer no sentido de que contribua para que nós não utilizemos as religiões como manipulação, forjada na forma de um conhecimento abstrato, um conhecimento que não tenha uma estrutura, uma metodologia. Não faz sentido o Ensino Religioso desse jeito. Só faz sentido no currículo e nas salas de aula se ele for feito a partir da escola, digo, do que está no art. 2º da LDB [Lei de Diretrizes e Bases], do pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Laico ou não. A escola é um espaço de introdução, de sistematização, de formalização, para entendermos a sociedade como um todo e não para práticas religiosas individuais.

4. Na maioria das vezes há uma outra dificuldade – adicional – que nos parece fundamental: é a diferença entre aquilo que está prescrito (na lei ou no currículo oficial) e aquilo que acontece dentro da sala de aula? Como conciliar isso para o Ensino Religioso?

Sérgio Junqueira: De fato, eu vejo que desde que efetivamente os novos cursos de graduação em Ensino Religioso começaram, em 1997, nós tivemos várias experiências. O problema é que esses cursos, ao meu ver, não se abriram para que fosse verificada a eficácia e efetividade de seus currículos. Nós temos a experiência de formação, mas sobre as consequências nós não temos dados. Nós não sabemos até que ponto os currículos que foram organizados efetivamente estão alcançando os objetivos na formação do professor e repercutindo nas salas de aula. Então, não adianta só abrir cursos. É preciso questionar: quais eixos, quais bibliografias, quais serão os formadores dos formadores? Nisso, entendo que estamos ainda muito distantes de respostas mais palpáveis.

5. O que está estudado e o que ainda não está pesquisado sobre o Ensino Religioso? Perguntando de uma outra forma, se você tivesse que levantar as questões mais urgentes a serem abordadas por estudantes e jovens pesquisadores, quais seriam essas questões?

Sérgio Junqueira: Sobre a questão da didática aplicada às crianças com menos de 6 anos praticamente não temos nada; sobre como trabalhar a questão religiosa com os pequenos, o que eu não chamaria propriamente de aula de Ensino Religioso. Mas é preciso trabalhar alguma questão religiosa. Outra questão é que precisamos identificar se, de fato, o que estamos realizando, em termos de pesquisas empíricas sobre os anos iniciais e os anos finais do Ensino Fundamental, se o conteúdo apresentado ao longo desses últimos anos nos PCNER [Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso] efetivamente colaborou na construção de um conhecimento religioso. Veja, por exemplo, os PCNs. Já existem há 20 anos e nós não temos clareza se ele realmente foi aplicado. E se quando ele foi aplicado como ficou a questão da infância? Falo da questão da efetividade dos novos conteúdos, a partir dos PCNs de Ensino Religioso. Eu diria ainda que, uma terceira questão é que precisamos direcionar o olhar para os egressos das licenciaturas [de ER]. Também já temos 20 anos das licenciaturas e não temos dados objetivos sobre os resultados dessa formação, sua eficácia e sua eficiência.

6. A diversidade regional seria algo que deve ser melhor pesquisado? No caso da Região Norte – que é onde estamos – você vê alguma peculiaridade?

Sérgio Junqueira: Com certeza, é necessário focar nos conteúdos da diversidade religiosa a partir das regiões, a partir da cultura regional. No caso da região Norte há uma forte influência indígena e um outro jeito afro, assim como a questão dos europeus sofreu ali uma alteração em decorrência da própria geografia, das questões da natureza. Então entendo que é fundamental entender qual é a cultura amazônica e a sua compreensão em termos de concepções e práticas religiosas. Isso ajudaria os alunos a colaborar para o melhor desenvolvimento da região e a trabalhar pela convivência de diferentes religiões.

7. Sabemos que uma questão importante para o momento atual é o posicionamento do ER na BNCC. Gostaríamos que sintetizasse o estado atual dessa discussão e como os grupos de pressão (o FONAPER, a CNBB e mesmo as universidades) têm atuado junto às instâncias governamentais...

Sérgio Junqueira: A BNCC foi assinada. Foi homologada e temos agora duas questões que ficaram pendentes: se o ER é uma área do conhecimento ou é um componente curricular(?). Trata-se de uma questão técnica e também política, que vai depender da compreensão e interpretação dos conceitos... a outra questão é mais séria: o texto final do acórdão do Supremo Tribunal que irá orientar efetivamente o ER. O que será esse modelo confessional e como será aplicado no Brasil? Infelizmente ainda não temos informações muito precisas. Vamos ter que esperar. Sobre os grupos de pressão, a CNBB [Conferência nacional dos Bispos do Brasil], com os arcebispos das maiores cidades, tem pressionado o governo para implementar esse modelo confessional. O FONAPER [Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso] não tenho notícias, não sei de que forma eles estão atuando junto ao Supremo. Por que a grande questão agora é o Supremo [Tribunal Federal], para que as consequências do acórdão não sejam tão desastrosas.

8. Como você avalia o trabalho do FONAPER e os Parâmetros Curriculares que foram elaborados por essa entidade no passado? Você concorda, por exemplo, com uma contextualização histórica que chama aquilo que os Jesuítas fizeram desde o primeiro momento da colonização de ER?

Sérgio Junqueira: Eu não sei... claro os Jesuítas tentaram formular uma definição de espaço escolar, mas acho que o FONAPER agiu mais como as ONGs [Organizações Não-Governamentais] e os movimentos sociais, ao tentar responder às demandas sociais. Naquele momento, a demanda eram os PCNs [Parâmetros Curriculares Nacionais]. Mas como o MEC [Ministério da Educação] não reconheceu, não permitiu a entrada do PCNs de ER [no conjunto dos documentos

oficiais promulgados], o FONAPER buscou alternativas. Teve, na verdade, uma estratégia brilhante, no sentido de que consegui publicar [um documento de referência] e conseguir chegar a cada município do país, além de fazer um curso à distância com mais de 5000 mil alunos. Então acredito que, de meados dos anos 1990 até os primeiros cinco anos do século XXI – nessa primeira década do FONAPER – essa entidade articulou estrategicamente como chegar à sociedade, assim como o Movimento Negro e o Movimento Gay têm feito; procurar estratégias de comunicar à sociedade o seu entendimento [acerca de uma questão]. Não só os PCNs, mas os Cadernos, e especialmente o curso à distância foram essenciais para a implementação de um Ensino Religioso renovado no Brasil.

9. Em nossos trabalhos de pesquisa e extensão temos nos deparado com a necessidade de formar melhor o professor de ER. Mais de duas décadas depois da LDB e dos Parâmetros Curriculares essa ainda deve ser a preocupação fundamental dos meios universitários frente às realidades do ER?

Sérgio Junqueira: Com certeza. A implementação e a execução do Ensino Religioso só ocorrerá quando tivermos professores efetivamente formados, no sentido de compreender a identidade dessa disciplina. O problema é que fazem 20 anos que temos licenciaturas e não temos clareza se o currículo escolhido tem efetivamente favorecido a sala de aula. Então são duas questões: a primeira seria uma revisão, com dados, com informações objetivas sobre a formação que foi dada nesses primeiros 20 anos; a segunda é a partir dos egressos das licenciaturas reorientar e ampliar a presença dos cursos de formação em todo país.

10. Também queríamos que nos dissesse um pouco sobre os materiais didáticos para o ER. Muitas vezes nos deparamos com um ensino focado apenas na Bíblia, outras com materiais soltos que os docentes colhem em locais diversos, às vezes sem muito critério. O que fazer sobre isso? O que há de bom no mercado editorial e como lidar com as dificuldades de aquisição desse material, tendo em vista que até

mesmo os PCNs de ER têm que ser comprados de uma editora que os comercializa sem disponibilizar versão gratuita na internet?

Sérgio Junqueira: Recursos didáticos são o desafio. Poucas secretarias, como a do Estado do Paraná, se preocuparam em fazer material e disponibilizar online. Então vejamos, vamos começar pelos livros didáticos. Nossa equipe já analisou mais de 745 livros didáticos desde o final dos anos 1990 até 2017. Já tivemos algumas coleções publicadas numa perspectiva, numa tentativa de não ser tão confessional, tão bíblico. Dessas, só em uma, apesar de idas e vindas, ocorreu um trabalho de estudo sério, de reavaliação da obra, que é o “Redescobrimo o Universo Religioso”. Sobre essa construção, ela tem várias etapas, várias faces, um período mais aberto e outro mais confessional. Mas o problema é que o Brasil faz material, mas não estuda esse material, não avalia esse material, não verifica suas consequências. Então eu volto novamente ao problema de fundo da pesquisa sobre o Ensino Religioso no Brasil. A gente realiza algumas experiências, produz algum material, mas não realizamos um acompanhamento efetivo... não apenas como produto comercial, mas como um produto de interferência na sociedade. Lógico que temos alguns livros publicados pela Vozes, pela Ática e outras grandes editoras como livros qualificados, porém, são caros. Em média um livro didático custa, hoje, em torno de 75 a 80 reais, se não for mais. Em média a produção de uma coleção de livros didáticos pode chegar a mais de um milhão e meio. É muito custoso produzir uma coleção e por isso nós precisaríamos que as universidades, que os sistemas de ensino se unissem para produzir, de fato, um material que pudesse ser aberto, online, para que os professores pudessem consultar livremente. Nessa perspectiva, o que temos efetivamente, de material concreto, é o que foi produzido no Paraná, onde consta não só uma diretriz, mas caderno, roteiros de aula com apoio até da SETEC que, sistematicamente, disponibiliza esse material. Ele é aberto. Enfim, enquanto nós não tivermos essa noção, essa consciência do papel da universidade e do sistema, continuaremos carentes de uma formação efetiva para professores, com poucos recursos disponibilizados para eles.

11. Mesmo que essa seja uma avaliação difícil, queremos pedir que nos diga, para finalizar, qual o futuro que imagina para a disciplina de ER (?). Estamos em uma sociedade em processo de diversificação religiosa, o que impõe limites à hegemonia católica, mas na qual também crescem setores intransigentes e fundamentalistas. O que tende a mudar e o que você imagina que não será alterado nas concepções e práticas pedagógicas do ER no Brasil?

Sérgio Junqueira: De fato, não é simples pensar o futuro da disciplina. Fazendo uma leitura histórica, a gente vê nos anos 1970 que a constatação da diferença entre Ensino Religioso e catequese foi importantíssima. Depois nos demos conta de que esse Ensino Religioso não podia ser só católico. Nós temos o movimento interconfessional, que relacionava a Bíblia com um fato da vida. Posteriormente veio a abertura para a entrada de religiões não-cristãs. A gente tem, então, um ensino de religiões. Progressivamente vem a discussão de que a gente tem que sair dos óculos da religião para o das ciências. É uma nova modalidade de conhecimento. Daí começam experiências a partir de temas e não de religiões, e, então, com esse cenário a gente tem a possibilidade de prosseguir um olhar pedagógico da disciplina que, por sua vez, terá sempre a interferência da religião na sociedade. O que eu quero dizer com isso? Nós vimos um processo de abertura ao pluralismo. Se a corrente fundamentalista, que ameaça alcançar o Estado nas próximas eleições, assumir o poder político no Brasil, com certeza, esse percurso (de um lado mais pedagógico que não se preocupa em ensinar uma única religião) poderá ser barrado ou pelo menos sofrer perseguições. Isso se o fundamentalismo alcançar as maiores esferas do poder nacional... Caso tudo permaneça como está, nós chegamos ao um impasse, que é aprimorar a qualidade na formação de professores. Na verdade, o futuro, nos próximos 10 anos, vai estar atrelado a conseguirmos ou não uma efetividade na formação de professores de ER, dando efetividade à formação de formadores. Enquanto isso não ocorrer, temos o risco de ficar patinando, repetindo alguns equívocos do passado, voltando a trabalhar Campanha da Fraternidade, tempo religioso, etc. Então, ao meu ver, nós temos duas variáveis que serão definidoras: uma é até que ponto o fundamentalismo religioso

vai alcançar o poder e aprofundar o seu impacto nas esferas de decisão e o outro é até que ponto nós vamos conseguir definitivamente produzir novos formadores. A disciplina vai continuar caminhando com pequenas experiências, como sempre foi. Mas queremos agora alcançar uma maior amplitude...

Principais livros publicados pelo entrevistado:

JUNQUEIRA, Sérgio; BRANDENBURG, L. E.; KLEIN, Remi (org.). **Compêndio do Ensino Religioso**. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2017.

REIS, Marcos Vinícius F.; SARDINHA, A. C.; JUNQUEIRA, Sérgio (org.). **Diversidade e o campo da educação**. Diálogos sobre (in)tolerância religiosa. Macapá: UNIFAP, 2017.

JUNQUEIRA, Sérgio; GABRIEL JUNIOR, R. F.; KLUCK, C.; RODRIGUES, E. M. F. (org.). **Socialização do saber e produção científica do ensino religioso**. Porto Alegre: Ed. Fi, 2017.

CATARINO, F.; JUNQUEIRA, Sérgio (org.). **Desafios do Ensino Religioso numa sociedade laicizada**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2016.

LINS, E. S.; JUNQUEIRA, Sérgio (org.). **Ensino Religioso: religião e cultura**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

JUNQUEIRA, Sérgio. **Ensino Religioso no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2015.

JUNQUEIRA, Sérgio. **Ensino Religioso e Interdisciplinaridade**. Curitiba: IESD, 2015.

DISSENHA, I. C. P.; JUNQUEIRA, Sérgio. **Fundamentos do Ensino Religioso**. Curitiba: IESD Brasil Ltda., 2015.

JUNQUEIRA, Sérgio (org.). **Religião, Direitos Humanos e Laicidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

JUNQUEIRA, Sérgio; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira; HOLANDA, Ângela. **Ensino Religioso: aspectos legal e curricular**. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

RODRIGUES, Edile Maria Fracaro; SCHOLGL, Emerli; JUNQUEIRA, Sérgio. **Alteridade, cultura e tradições.** Atividades de Ensino Religioso para o Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 2009.

RODRIGUES, Edile Maria Fracaro; JUNQUEIRA, Sérgio. **Fundamentando pedagogicamente o Ensino Religioso.** Curitiba: IBPEX, 2009.

JUNQUEIRA, Sérgio. **O Sagrado: fundamentos e conteúdo do Ensino Religioso.** Curitiba: IBPEX, 2009.

JUNQUEIRA, Sérgio. **História, Legislação e fundamentos do Ensino Religioso.** Curitiba: IBPEX, 2008.

OLIVEIRA, Lilian B. de; JUNQUEIRA, Sérgio; ALVES, Luiz Alberto Sousa; KEIM, Ernesto Jacob. **Ensino Religioso no Ensino Fundamental.** São Paulo: Cortez, 2007.

JUNQUEIRA, Sérgio. **Ensino Religioso, uma produção a partir de olhares múltiplos.** Curitiba: Bagozzi, 2006.

BIACCA, Valmir; SOUZA, E. O.; SCHOLGL, Emerli; JUNQUEIRA, Sérgio; SANTANA, R. S.. **O Sagrado no Ensino Religioso.** Curitiba: SEED, 2006.

JUNQUEIRA, Sérgio; OLIVEIRA, Lilian B. de (org.). **Ensino Religioso: memória e perspectivas.** Curitiba: Champagnat, 2005.

JUNQUEIRA, Sérgio; WAGNER, Raul (org.). **Ensino Religioso no Brasil.** Curitiba: Champagnat, 2004.

EYNG, Ana Maria; ENS, Romilda Teodora; JUNQUEIRA, Sérgio (org.). **O tempo e o espaço na educação: a formação do professor.** Curitiba: Champagnat, 2003.

JUNQUEIRA, Sérgio. **O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNQUEIRA, Sérgio. **Um ideal, um caminho uma proposta.** Processo histórico de mudança de uma catequese escolar para educação religiosa escolar na Província Marista do Rio de Janeiro 1958 a 1995. Curitiba: Champagnat, 2001.